

LEITURA

E PRODUÇÃO

TEXTUAL

UNIDADE 1

NEAD

S U M Á R I O

01 COMUNICAÇÃO 04

02 A HISTÓRIA DA COMUNICAÇÃO 04

A História da Comunicação; Linguagem; Língua; Fala; Comunicação

03 DEFINIÇÕES 05

Linguagem Verbal e não Verbal

04 ELEMENTOS DA COMUNICAÇÃO 06

05 FUNÇÕES DA LINGUAGEM 08

Função Emotiva; Função Conativa; Compre Batom; Função Fática; Função Poética; Beba Coca Cola; Função Metalinguística; Função Referencial

06 LINGUAGEM FORMAL E INFORMAL 14

07 AS LINGUAGENS 15

Dramatização da Crônica "Aí, Galera"

S U M Á R I O

08	DEFINIÇÕES	16
	Linguagem Formal; Linguagem Informal	

09	VARIAÇÃO LINGUÍSTICA	16
	Caetano Veloso 90 e Elza Soares – Língua	

10	VARIAÇÃO HISTÓRICA	17
	Poesia e Prosa - Carlos Drummond de Andrade	

11	VARIAÇÃO GEOGRÁFICA	20
	Dicionário Nodestinês; Variações Linguística Regionais	

12	VARIAÇÃO SOCIAL	20
	O Político e o Bêbado	

13	VARIAÇÃO ESTILÍSTICA	22
	Mundo das Gírias	

14	MARCAS LINGUÍSTICAS	23
	Tipo Assim... - Kledir Ramil	

01

COMUNICAÇÃO

Um grande comunicador brasileiro, Abelardo Barbosa, também conhecido como Chacrinha, muito popular na década de 80, dizia sempre que:

*“quem não
se comunica
se trumbica”*

A sociabilidade humana é indiscutível e imprescindível. Saber se comunicar bem, conhecendo o seu processo e reconhecendo as suas particularidades, é uma habilidade fundamental nos dias de hoje, sobretudo no âmbito profissional.



Nessa unidade, discutiremos aspectos importantes do processo de comunicação, seus elementos, funções, níveis e suas variações. Vamos começar do começo!

Você sabe o que é **comunicação** e como ela surgiu?

02

A HISTÓRIA DA
COMUNICAÇÃO

ASSISTA AO VÍDEO A SEGUIR:

<https://youtu.be/7eaxsg5-lbY>

Você viu no vídeo que os primeiros exemplos de comunicação datam do período da pré-história e que se caracterizavam

por meio de desenhos e pinturas rupestres; depois o homem assimilou o processo da fala e a partir daí deu-se a evolução da comunicação por meio da escrita.

Para compreender melhor o processo de comunicação, é necessário conhecer alguns conceitos. Segundo Rodrigues (2010, p. 30).

Linguagem: é a capacidade comunicativa que têm os seres humanos de usar intencionalmente qualquer sistema de sinais significativos para comunicar seus pensamentos, ideias, sentimentos e experiências. É todo e qualquer sistema de sinais que serve de meio de comunicação entre os indivíduos.

Língua: é a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que, por si só, não pode nem criá-la, nem modificá-la; ela não existe senão em virtude duma espécie de contrato estabelecido entre membros da comunidade.

Fala: é a realização concreta de uma língua, feita por um indivíduo de uma comunidade num determinado ato de comunicação.

Comunicação: é o espaço de troca de sensações, vivências, informações com o outro. A comunicação é, depois da sobrevivência física, a mais básica e vital de todas as necessidades.

03

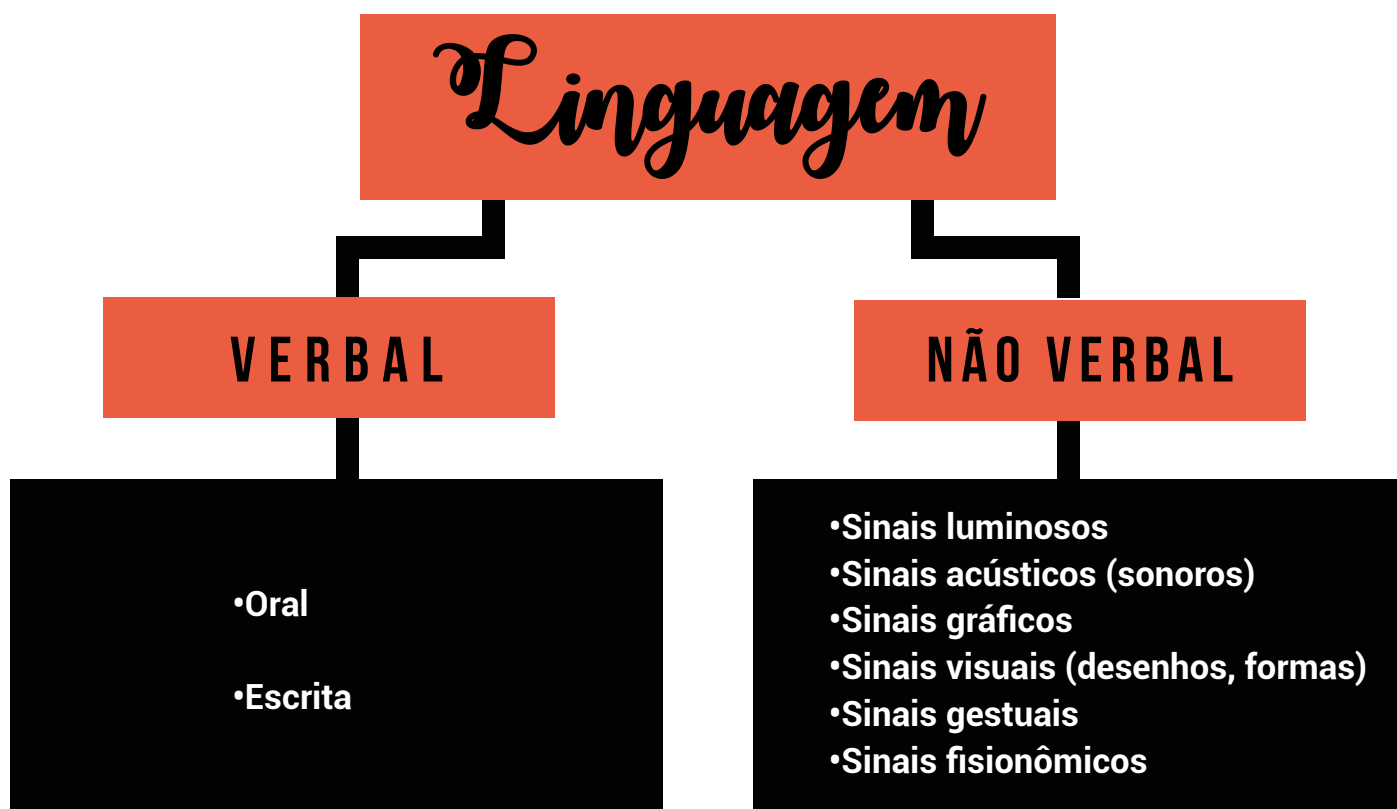
DEFINIÇÕES

Estudiosos e pesquisadores definem comunicação como a capacidade que um falante tem (emissor) de enviar uma mensagem, por meio de um canal (recurso ou meio), a um outro falante (destinatário). Você já conhecia essa definição? Realmente, comunicação é isso, uma troca de mensagens, informações. Isso acontece o tempo todo, quando damos bom dia, por exemplo, quando participamos de uma entrevista de emprego, nas conversas com os amigos etc.

Podemos definir linguagem como toda ação pela qual se transmite alguma mensagem. Pode ser verbal ou não verbal, se

for verbal, contará com as palavras; se for transmitida apenas com o auxílio dos gestos, dos sons, das imagens, dos movimentos etc. teremos a linguagem não verbal. Mas o que, de fato, é a linguagem? Não é fácil definir linguagem, uma vez que existem diferentes opiniões a respeito. Para alguns, linguagem é a representação do pensamento; para outros, é simplesmente um instrumento de comunicação e ainda há os que acreditam que a linguagem é uma forma de interação social.

Para compreender melhor o que é a linguagem, veja o esquema abaixo de suas formas de representação:



Nesta disciplina, tomaremos linguagem como um processo utilizado pelo homem para promover uma interação com o outro.

Esse processo, naturalmente, poderá representar um pensamento e servirá como um instrumento de comunicação.

04

ELEMENTOS DA COMUNICAÇÃO

A comunicação é frequente, acontece o tempo todo e, para que ela ocorra, são usados vários mecanismos e estratégias, e para que seja eficaz, a mensagem enviada pelo emissor precisa ser

compreendida pelo receptor. Seguem os elementos que são imprescindíveis para o processo de comunicação, representados no esquema abaixo:



EMISSOR
REMETENTE

CONTEXTO
CANAL
CÓDIGO
MENSAGEM



RECEPTOR
DESTINATÁRIO

EMISSOR (REMETENTE)	que emite, ou seja, codifica, envia a mensagem
RECEPTOR (DESTINATÁRIO)	que decodifica, recebe a mensagem
MENSAGEM	aquilo que se comunica, as informações repassadas
CANAL	instrumento, recurso ou meio utilizado para transmitir a mensagem
CÓDIGO	recursos linguísticos, conjuntos de signos utilizados na mensagem
REFERENTE	contexto no qual a mensagem está inserida

Observe a imagem abaixo:



Quem é o emissor da mensagem?

A que público se destina?

Qual é o conteúdo da mensagem?

E o canal?

Qual é o código usado nessa mensagem?

Em qual contexto está inserida?

Você conseguiu identificar os elementos da comunicação?

Encontrou alguma dificuldade?

Se sim, quais?

Em toda situação comunicativa, os elementos da comunicação estão presentes.

05

FUNÇÕES DA LINGUAGEM



Como vimos, os elementos da comunicação são imprescindíveis para o processo comunicativo e estão relacionados diretamente às Funções da Linguagem, que apresentam, de certa forma, os objetivos e as intenções quando nos comunicamos. Mas o que são funções da linguagem?

Funções da linguagem são recursos de ênfase que atuam segundo a intenção do produtor da comunicação, ou seja, são as formas que cada pessoa organiza a sua fala, dependendo da mensagem que se quer transmitir, às vezes, queremos somente informar, em outros momentos apresentar um ponto de vista pessoal...

No esquema abaixo, a relação entre os elementos da comunicação e as funções da linguagem fica mais clara, veja:



Vamos, agora, entender o que significa cada uma dessas funções!

1.2 Função emotiva

A função emotiva está centrada no emissor. Nela reconhecemos, facilmente, o caráter emocional e afetivo do emissor, além do emprego da 1ª pessoa (verbos e pronomes). Ela é muito comum em letras de músicas e poemas que tratam de amor. Veja o exemplo abaixo:

EU SEI QUE VOU TE AMAR

Eu sei que vou te amar
Por toda a minha vida eu vou te amar
Em cada despedida eu vou te amar
Desesperadamente, eu sei que vou te amar

**E cada verso meu será
Pra te dizer que eu sei que vou te amar
Por toda minha vida**

**Eu sei que vou chorar
A cada ausência tua eu vou chorar,
Mas cada volta tua há de apagar
O que esta ausência tua me causou**

**Eu sei que vou sofrer
A eterna desventura de viver a espera
De viver ao lado teu
Por toda a minha vida.**

**MORAIS, Vinicius. *Nova antologia poética*
(organização de Antonio Cicero e Eucanaã
Ferraz). 1a Ed. 2003.**

Ouçá abaixo a bela interpretação dessa canção pela cantora Maria Creuza, acompanhada por Vinicius e Toquinho no La Fuza em Buenos Aires.



OUÇA A MÚSICA A SEGUIR:

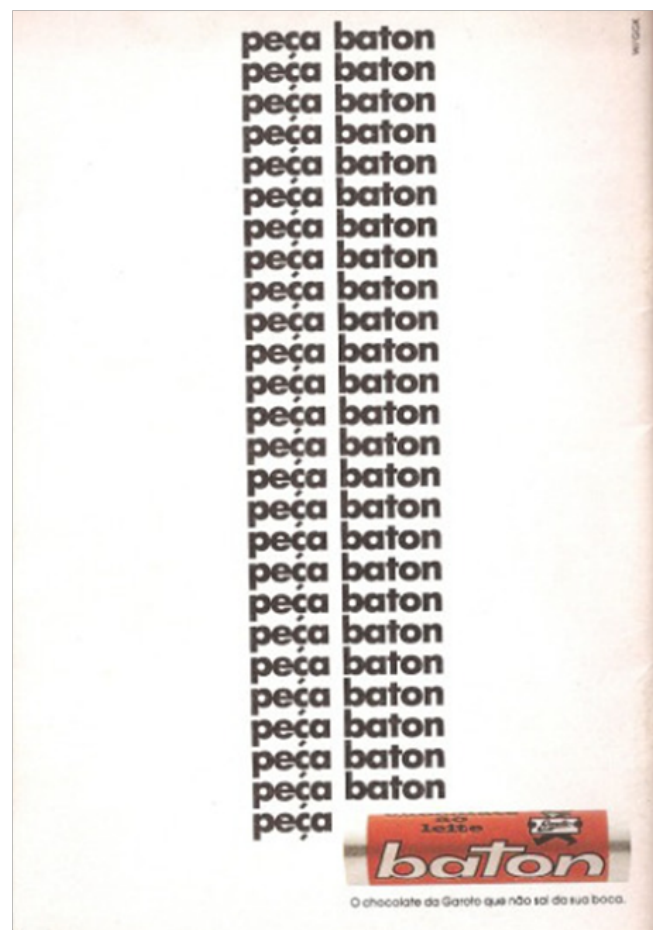
<https://youtu.be/10bntxy4848>

O poema/canção “Eu sei que vou te amar”, de Vinicius de Moraes, tem como foco os sentimentos do emissor, o que fica claro já nos primeiros versos: “Eu sei que vou te amar” pelo receptor, pois aquele, durante toda a canção, direciona seu discurso para uma segunda pessoa, por meio do pronome “te”, veja: “Por toda a minha vida eu vou te amar”.

1.3 Função conativa

A função conativa está centrada no receptor. Ela tem como objetivo persuadir o

receptor. É muito comum o uso dos pronomes tu e você, além de verbos no imperativo. Os textos publicitários são excelentes exemplos desse tipo de função, conforme mostramos logo abaixo:



VEJA TAMBÉM A VERSÃO EM VÍDEO:

<https://goo.gl/2C2267>



Em ambas as peças publicitárias, o emissor tenta convencer o receptor (leitor/espectador) a comprar chocolate e, para isso, utiliza de forma repetida a frase “peça baton” (na revista) e “compre baton” na versão em vídeo. Observe que os verbos estão no vocativo (que é o termo da oração por meio do qual chamamos ou interpelamos o nosso interlocutor, real ou imaginário).

1.4 Função fática

É uma mensagem que serve para prolongar ou interromper a comunicação. Verificar se o canal funciona. Nas mensagens escritas essa função é identificada por meio de recursos como *itálico*, sublinhado, **negrito**, CARACTERES MAIÚSCULOS, "aspas", (parênteses) e etc.

O objetivo dessa função é estabelecer uma relação com o emissor, um contato para verificar se a mensagem está sendo transmitida ou para dilatar a conversa.

Quando estamos em um diálogo, por exemplo, e dizemos ao nosso receptor "Está entendendo?", estamos utilizando este tipo de função ou quando atendemos o celular e dizemos "Oi" ou "Alô".

Observe o diálogo abaixo, ele pode ser caracterizado como predominantemente fático?

Ela: – Pois é o quê?

Ele: – Eu só disse pois é!

Ela: – Mas "pois é" o quê?

Ele: – Melhor mudar de conversa porque você não me entende. Ela: – Entender o quê?

Ele: – Santa Virgem, Macabéa, vamos mudar de assunto e já!

Ela: – Falar então de quê?

Ele: – Por exemplo, de você.

Ela: – Eu?!

Ele: – Por que esse espanto? Você não é gente? Gente fala de gente.

Ela: – Desculpe mas não acho que sou muito gente.

Ele: – Mas todo mundo é gente, meu Deus!

Ela: – É que não me habituei.

Ele: – Não se habituou com quê?

Ela: – Ah, não sei explicar.

Ele: – E então?

Ela: – Então o quê?

Ele: – Olhe, eu vou embora porque você é impossível!

Ela: – É que só sei ser impossível, não sei mais nada. Que é que eu faço para conseguir ser possível?

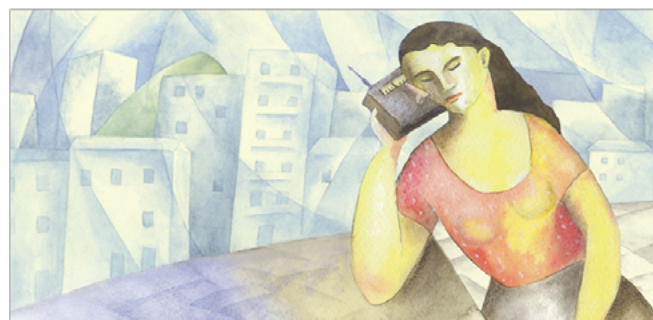
Ele: – Pare de falar porque você só diz besteira! Diga o que é do teu agrado.

Ela: – Acho que não sei dizer.

Ele: – Não sabe o quê?

Ela: – Hein?

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*.
Rio de Janeiro, Rocco, 1999.



Acima, você leu o confuso diálogo entre Macabéa e Olímpico de Jesus, personagens do livro *A hora da estrela*, de Clarice Lispector. Nele, percebemos o uso de palavras que não têm outra função, exceto estabelecer contato com o receptor.

1.5 Função poética

A função poética está centrada na forma da própria mensagem, ou seja, o emissor não está preocupado, simplesmente, com suas ideias, crenças e desejos, assim

como, também, não está interessado em persuadir ou manter contato com o receptor, mas sim na forma como passará a sua mensagem e, naturalmente, essa forma será sempre peculiar.

A poesia concreta é um bom exemplo dessa função. Segundo Emerson Santiago, é denominada poesia concreta aquela forma de poesia surgida do movimento concretista aplicado ao poema, movimento iniciado no Brasil na década de 50 do século XX por Décio Pignatari (1927), Haroldo de Campos (1929) e Augusto de Campos (1931). Em uma nova identidade surgida da Revolução Industrial e sua recente instalação no Brasil, estes três autores anteviram uma nova perspectiva para a arte poética, e, assim como a industrialização iria mudar a paisagem e o povo brasileiro, o concretismo iria estabelecer nova realidade neste segmento da arte, rompendo com o verso tradicional e sua forma convencional de disposição e rima, organizando-o de uma maneira a privilegiar o espaço em branco da página, a pausa, as imagens, o significante, sons e até mesmo cores e nuances. O concretismo, enfim, propunha uma arte poética que ocupasse a página de um modo diferente, aproveitando conceitos pouco ou nunca antes explorados pelos autores consagrados.

Observe o poema concreto "Beba Coca-Cola" (1957) de Décio Pignatari:



Veja também a versão audiovisual desse poema:

VEJA TAMBÉM A VERSÃO EM VÍDEO:
<https://goo.gl/zWrnb6>



Os aspectos formais que aparecem no poema não são aleatórios, existe um grande cuidado na seleção das palavras. Esse cuidado com a forma aparecerá, naturalmente, em outras áreas, no seu curso, por exemplo, teremos capítulos destinados a documentos técnicos, lá você verá que a forma (destaque) do documento deve predominar.

1.6 Função metalinguística

A função metalinguística está centrada no código, na própria linguagem, utilizando-a para explicar, definir ou analisar ela mesma. São exemplos dessa função gramáticas, dicionários, um poema que fala do poeta ou da própria poesia; uma música que fala do músico ou da própria música. Exemplos:

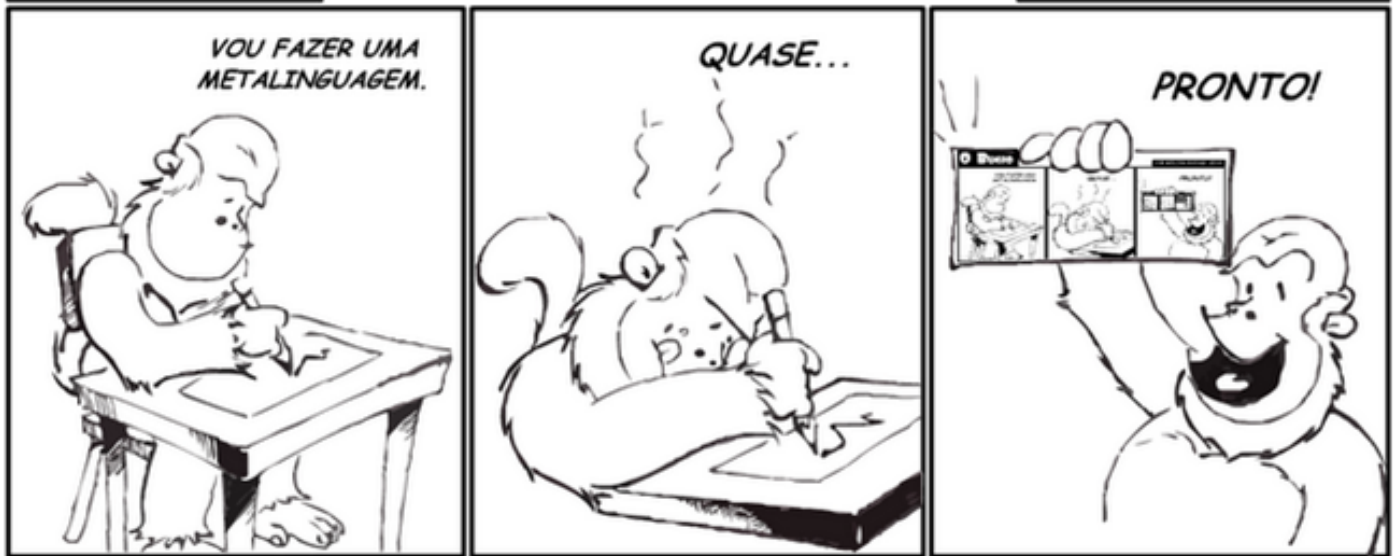


FONTE:

<http://www.infoescola.com/literatura/poesia-concreta/>

O Bugio

POR WILLIAN RAPHAEL SILVA



"Começo o arrepender-me deste livro. Não que ele me canse; eu não tenho que fazer; e, realmente, expedir alguns magros capítulos para esse mundo sempre é tarefa que distrai um pouco da eternidade. Mas o livro é enfadonho, cheira a sepulcro, traz certa contração cadavérica; vício grave, e aliás ínfimo, porque o maior defeito deste livro és tu, leitor. Tu tens pressa de envelhecer, e o livro anda devagar; tu amas a narração direita e nutrida, o estilo regular e fluente, e este livro e o meu estilo são como os ébrios, guinam à direita e à esquerda, andam e param, resmungam, urram, gargalham, ameaçam o céu, escorregam e caem...

E caem! – Folhas misérrimas do meu cipreste, heis de cair, como quaisquer outras belas e vistosas; e, se eu tivesse olhos, dar-vos-ia uma lágrima de saudade. Esta é a grande vantagem da morte, que, se não deixa boca para rir, também não deixa olhos para chorar... Heis de cair.

Machado de Assis

Memórias Póstumas de Brás Cubas.

Não faças versos sobre acontecimentos.
Não há criação nem morte perante a poesia.
Diante dela, a vida é um sol estático,
não aquece nem ilumina.
As afinidades, os aniversários, os incidentes pessoais não contam.
Não faças poesia com o corpo,
esse excelente, completo e confortável corpo, tão infenso à efusão lírica [...]

Carlos Drummond de Andrade

Procura da Poesia

1.7 Função referencial

A função referencial está centrada no referente da mensagem, isto é, no seu caráter informativo. Esse tipo de função é predominante em textos científicos, acadêmicos e notícias de jornal. Em textos referenciais não há espaço para opiniões e juízo de valor. Veja abaixo um texto predominantemente referencial:



A PETROBRAS BIOCOMBUSTÍVEL ESTÁ LANÇANDO UMA CAMPANHA PARA INCENTIVAR A COLETA E RECICLAGEM DE ÓLEO DE COZINHA USADO QUE VAI ABRANGER OS MUNICÍPIOS DA REGIÃO METROPOLITANA DE FORTALEZA (CE). A INICIATIVA FOI BATIZADA DE “ÓLEO USADO E DOADO, BRASIL PRESERVADO”.

A proposta é incentivar o público a juntar o óleo de cozinha e doá-lo para cooperativa de catadores de materiais recicláveis. Posteriormente, o material será convertido em biodiesel gerando renda para os catadores. A empresa possui uma usina de biodiesel no município cearense de Quixadá (CE) – 170 quilômetros de Fortaleza.

Para viabilizar a logística reversa do óleo estão sendo usadas as equipes de distribuição da Liquigás. O óleo será recolhido nas residências pelos

entregadores da empresa durante a entrega dos botijões de gás. Com a campanha, ao receber o gás em casa, o morador terá acesso a folhetos explicativos sobre as vantagens ambientais e sociais do reaproveitamento do óleo de fritura.

A expectativa é que a iniciativa atinja 140 mil residências por mês só na capital.

Jessika Thaís – Tribuna do Ceará com adaptação. BiodieselBR.com.

No texto acima, temos predominantemente a função referencial, pois nela há uma descrição objetiva da ação que está sendo empreendida, no caso, uma campanha de conscientização ambiental. São explicadas, as etapas da campanha, o que o receptor deve fazer para participar e quais os seus objetivos.

QUANDO PRODUZIMOS UM TEXTO,

precisamos considerar todos os elementos da comunicação e todas as funções da linguagem, a fim de que a nossa produção atinja seus propósitos comunicativos.

É IMPORTANTE PERCEBER

que essas funções da linguagem não serão encontradas separadamente, assim como também você não verá, de forma isolada, os elementos da comunicação.

O QUE GERALMENTE ACONTECE É UM ENCONTRO DE VÁRIAS DESSAS FUNÇÕES EM ÚNICO TEXTO, MAS COM A PREDOMINÂNCIA DE ALGUMA DELAS.

Em um texto publicitário, por exemplo, temos dados referenciais, mas o que predominará, em algumas situações, será o desejo de persuadir o leitor, portanto, a função conativa.

FIQUE ATENTO A ISSO!

06

FUNÇÕES DA LINGUAGEM



Neste tópico, estudaremos os níveis de linguagem e a variação linguística. É imprescindível reconhecer o nível de formalidade de uma situação comunicativa e usar adequadamente a linguagem.

Dentro do processo comunicativo, existem algumas particularidades que devem ser observadas e levadas em consideração na

hora de produzir um texto, seja oral ou escrito. É preciso considerar a situação comunicacional e o interlocutor, pois determinarão o grau de formalidade. Algumas situações exigem uma postura comunicativa mais formal como uma entrevista de emprego, por exemplo, a apresentação de um seminário, de um trabalho acadêmico.



07

AS LINGUAGENS



VEJA O VÍDEO ABAIXO:

<https://goo.gl/ouQvaX>

Nessa dramatização da crônica "Aí galeira", de Luís Fernando Veríssimo, a postura do repórter e o comportamento do jogador são coerentes com a imagem que temos desses profissionais?

A charge abaixo também apresenta o uso de um vocabulário inesperado para a ocasião?



Para compreender melhor esse assunto, é preciso conhecer algumas definições, as quais veremos a seguir.

O QUE CHAMA A ATENÇÃO NESSA ENTREVISTA É O VOCABULÁRIO ERUDITO DO JOGADOR, QUE SURPREENDE O REPÓRTER, POIS NÃO É COMUM JOGADORES DE FUTEBOL SE EXPRESSAREM ASSIM, USANDO PALAVRAS MUITO REBUSCADAS, VOCÊ CONCORDA?

08

DEFINIÇÕES

A gramática é a referência normativa que determina as regras para o uso da língua, denominadas de norma culta ou língua padrão. Muitas vezes, essas normas estabelecidas pela gramática não são obedecidas pelos falantes.

A linguagem formal e a linguagem informal estão, sobretudo, associadas ao contexto social em que a fala é produzida.

A linguagem formal é aquela usada em situações em que não há familiaridade, intimidade, que exigem mais formalidade, como, por exemplo, em entrevistas de empregos, quando se dirigem aos superiores hierárquicos ou quando têm de falar para um público desconhecido.

A linguagem Informal é essa que fazemos uso com mais frequência, quando estamos com a família ou os amigos. Em situações assim, não nos preocupamos, geralmente, com a escolha do vocabulário.

A SITUAÇÃO COMUNICATIVA É O QUE DETERMINA O GRAU DE FORMALIDADE DA LINGUAGEM (VOCABULÁRIO) QUE USAMOS. É NECESSÁRIO ESCLARECER AINDA QUE A LINGUAGEM INFORMAL NÃO É ERRADA, NO ENTANTO, ELA PODE SER INADEQUADA SE UTILIZADA EM ALGUNS AMBIENTES.

09

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Discutiremos agora sobre Variação Linguística e, para começar nossa discussão, vamos ouvir a música "Língua", de Caetano Veloso.

OUÇA:

<https://goo.gl/nykA8Z>



Na música de Caetano Veloso, temos alguns exemplos de variação linguística: sotaques, regionalismos, estrangeirismos, formas coloquiais etc.

COMO JÁ FOI DITO ANTES, A LÍNGUA NÃO É FALADA DE UMA ÚNICA FORMA POR TODOS OS SEUS FALANTES, DE MODO QUE EXISTEM VÁRIAS FORMAS DE VOCÊ DIZER A MESMA COISA.

A seguir você verá alguns dos principais tipos de variações linguísticas.

10

VARIAÇÃO HISTÓRICA

A linguagem, o vocabulário que usamos hoje não são os mesmos que foram usados, por exemplo, em 1980, ou seja, ela mudou, evidência disso é o texto abaixo, de Carlos Drummond de Andrade, que tem mais de 30 anos:



“ ANTIGAMENTE

Antigamente, as moças chamavam-se mademoiselles e eram todas mimosas e muito prendadas. Não faziam anos: completavam primaveras, em geral dezoito. Os janotas, mesmo não sendo rapagões, faziam-lhes pé-de-alferes, arrastando a asa, mas ficavam longos meses debaixo do balaio. E levavam tábua, o remédio era tirar o cavalo da chuva e ir pregar em outra freguesia. As pessoas, quando

corriam, antigamente, era de tirar o pai da força, e não caíam de cavalo magro. Algumas jogavam verde para colher maduro, e sabiam com quantos paus se faz uma canoa. O que não impedia que, nesse entrementes, esse ou aquele embarcasse em canoa furada. Encontravam alguém que lhes passava manta e azulava, dando às de Vila-diogo. Os idosos, depois da janta, faziam o quilo, saindo

para tomar a fresca; e também tomavam cautela de não apanhar sereno. Os mais jovens, esses iam ao animatógrafo, e mais tarde ao cinematógrafo, chupando balas de alteia. Ou sonhavam em andar de aeroplano; os quais, de pouco siso, se metiam em camisa de onze varas, e até em calças pardas; não admira que dessem com os burros n'água.

Havia os que tomavam chá em criança, e, ao visitarem família da maior consideração, sabiam cuspir dentro da escarradeira. Se mandavam seus respeitos a alguém, o portador garantia-lhes: "Farei presente." Outros, ao cruzarem com um sacerdote, tiravam o chapéu, exclamando: "Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo"; ao que o Reverendíssimo correspondia: "Para sempre seja louvado." E os eruditos, se alguém espirrava - sinal de defluxo -, eram impelidos a exortar: "Dominus Tecum." Embora sem saber da missa a metade, os presunçosos queriam ensinar padre-nosso ao vigário, e com isso punham a mão em cumbuca. Era natural que com eles se perdesse a tramontana. A pessoa cheia de melindres ficava sentida com a desfeita que lhe faziam, quando, por exemplo, insinuavam que seu filho era artioso. Verdade seja que às vezes os meninos eram encapetados; chegavam a pitar escondido, atrás da igreja. As meninas, não: verdadeiros cromos, umas teteias.

Antigamente, certos tipos faziam negócios e ficavam a ver navios; outros eram pegados com a boca na botija, contavam tudo tintim por tintim e iam comer o pão que o diabo amassou, lá onde judas perdeu as botas. Uns raros amarravam cachorro com linguiça. E alguns ouviam cantar o galo, mas não sabiam onde. As famílias faziam sortimento na venda, tinham conta no carnicheiro e arrematavam qualquer quitanda que passasse à porta, desde que o moleque do tabuleiro, quase sempre

um "cabrito", não tivesse catinga. Acolhiam com satisfação a visita do cometa, que, andando por ceca e meca, trazia novidades de baixo, ou seja, da corte do Rio de Janeiro. Ele vinha dar dois dedos de prosa e deixar de presente ao dono da casa um canivete roscofe. As donzelas punham carmim e chegavam à sacada para vê-lo apear do macho faceiro. Infelizmente, alguns eram mais que velhacos: eram grandessíssimos tratantes.

Acontecia o indivíduo apanhar constipação; ficando perrengue, mandava o próprio chamar o doutor e, depois ir à botica para aviar a receita, de cápsulas ou pílulas fedorentas. Doença nefasta era phtysica, feia era o gálico. Antigamente, os sobrados tinham assombrações, os meninos lombrigas, asthmas os gatos, os homens portavam ceroulas, botinas e capa-de-goma, a casimira tinha de ser superior e mesmo X.P.T.O.London, não havia fotógrafos, mas retratistas, e os cristãos não morriam: descansavam. Mas tudo isso era antigamente, isto é, outrora.

Antigamente, os pirralhos dobravam a língua diante dos pais, e se um se esquecia de arear os dentes antes de cair nos braços de Morfeu, era capaz de entrar no couro. Não devia também se esquecer de lavar os pés sem tujir nem mugir. Nada de bater na corcunda do padrinho, nem de debicar os mais velhos, pois levava tunda. Ainda cedinho, aguava as plantas, ia ao corte e logo voltava aos penates. Não ficava mangando na rua nem escapulia do mestre, mesmo que não entendesse patavina da instrução moral e cívica. O verdadeiro smart calçava botina de botões para comparecer todo liró ao copo d'água, se bem que no convescote apenas lambiscasse, para evitar flatos. Os bilontras é que eram um precipício, jogando com pau de dois bicos, pelo que carecia muita cautela e caldo de galinha.

O melhor era pôr as barbas de molho diante de um treteiro de topete; depois de fintar e de engambelar os coiós, e antes que se pusesse tudo em pratos limpos, ele abria o arco. O diacho eram os filhos da Candinha: que somava a candongas acabava na rua da amargura, lá encontrando, encafifada, muita gente na embira, que não tinha nem para matar o bicho; por exemplo, o mão-de-defunto.

Bom era ter costas quentes, dar as cartas com a faca e o queijo na mão; melhor ainda, ter uma caixinha de pós de pirlimpimpim, pois isso evitava de levar a lata, ficar na pindaíba ou espichar a canela antes que Deus fosse servido. Qualquer um acabava enjerizado se lhe chegavam a urtiga no nariz, ou se o faziam de gato-sapato. Mas que regalo, receber de graça, no dia-de-reis, um capado! Ganhar vidro de cheiro marca Barbante, isso não: a mocinha dava o cavaco. Às vezes, sem tirte nem guarte, aparecia um doutor pomada, todo cheio de noive horas; ia-se ver, debaixo de tanta farafa era um doutor mula ruça, um pé rapado, que espiga! E a moçoila, que começava a nutrir xodó por ele, que estava mesmo de rabicho, caía das nuvens. Quem queria lá fazer papel pança? Daí se perder as estribeiras por uma tutamei, um alcaide que o caixeiro nos impingia, dando de pinga um cascão de goiabada.

Em compensação, viver não era sangria desatada, e até o Chico vir de baixo vosmecê podia provar uma abrideira que era o suco, ficando na chuva mesmo com bom tempo. Não sendo pexote, e soltando arame, que vida supimpa a do Degas! Macacos me mordam se estou pregando peta. E os tipos que havia: o pau-para-toda-obra, o vira-casaca (este cuspi no prato em que comera), o testa-de-ferro, o sabe-com-quem-está-falando, o sangue-de-barata, o dr. Fiado que morreu ontem, o Zé-povinho, o biltre, o peralvilho, o salta-pocinhas, o alferes, a polaca, o passador de nota falsa, o mequetrefe, o safardana, o maria-vai-com-as-outras....

Depois de mil peripécias, assim ou assado, todo mundo acabava mesmo batendo com o rabo na cerca, ou simplesmente a bota, sem saber como descalçá-la. Mas até aí morreu o Neves, e não foi no dia de São Nunca de tarde: foi vítima de pertinaz enfermidade que zombou de todos os recursos da ciência, e acreditam que a família nem sequer botou fumo no chapéu?

Mas tudo isso era antigamente, isto é, outrora.



11

VARIAÇÃO
GEOGRÁFICA

É determinada pela região na qual vivemos. Muitas vezes, apresentamos marcas linguísticas que denunciam a região a que pertencemos, por exemplo, há diferenças na pronúncia, no vocabulário, nas expressões, no ritmo etc. Assista ao vídeo intitulado “Dicionário Nordestinês”, e identifique as palavras que são próprias da nossa região.

DICIONÁRIO NORDESTINÊS:<https://goo.gl/zZKpVx>

Veja também as diversas variações em outras regiões do país:

VARIAÇÕES REGIONAIS:<https://goo.gl/nykA8Z>

12

VARIAÇÃO
SOCIAL

Muitas vezes, as variações linguísticas da língua portuguesa são determinadas por características como sexo, escolaridade, grupos sociais e o nível socioeconômico de uma pessoa. Leia o texto a seguir, que circula na internet, de autoria anônima:





O POLÍTICO E O BÊBADO

Um político que estava em plena campanha eleitoral chegou a uma pequena cidade, subiu no palanque e começou o discurso: "Compatriotas, companheiros, amigos! Encontramo-nos aqui, convocados, reunidos ou juntos para debater, tratar ou discutir um tópico, tema ou assunto, o qual me parece transcendente, importante ou de vida ou morte.

O tópico, tema ou assunto que hoje nos convoca, reúne ou junta é a minha postulação, aspiração ou candidatura a Presidente da Câmara deste Município."

De repente, uma pessoa do público pergunta: - Ouça lá, porque é que o senhor utiliza sempre três palavras, para dizer a mesma coisa?

O candidato respondeu: - Pois veja, meu senhor: a primeira palavra é para pessoas com nível cultural muito alto, como intelectuais em geral; a segunda é para

pessoas com um nível cultural médio, como o senhor e a maioria dos que estão aqui; a terceira palavra é para pessoas que têm um nível cultural muito baixo, pelo chão, digamos, como aquele alcoólatra ali, deitado na esquina. De imediato, o alcoólatra levanta-se cambaleando e 'dispara':

- Senhor postulante, aspirante ou candidato: o fato, circunstância ou razão pela qual me encontro num estado etílico, alcoolizado ou mamado, não implica, significa, ou quer dizer que o meu nível cultural seja ínfimo, baixo ou mesmo rasca. E com toda a reverência, estima, ou respeito que o senhor me merece pode ir agrupando, reunindo ou juntando os seus haveres, coisas ou bagulhos e encaminhar-se, dirigir-se ou ir direitinho à leviana da sua progenitora, à mundana da sua mãe biológica ou ... à p**a que o pariu.

Autor Desconhecido



**O TEXTO
ACIMA**  **...**

Traz uma perspectiva da variação social da linguagem, a qual foi determinada, de acordo com o político, pelo

nível cultural dos falantes. O político fez essa análise, baseando-se numa visão estereotipada da relação entre o nível cultural e o social. O raciocínio dele foi contrariado pela resposta, para muitos surpreendente, do bêbado, pois este mostrou um nível cultural diferente daquele estereotipado pelo político.

13

VARIAÇÃO
ESTILÍSTICA

Como estudado, cada grupo social tem um estilo próprio, característico, e o mesmo acontece com os indivíduos. Alguns, por exemplo, dominam tanto a linguagem formal, quanto a informal e, dependendo do local onde estão, escolhem uma ou outra. Acerca disso, veja o vídeo a seguir:



MUNDO DAS GÍRIAS:

<http://dai.ly/x2vkvfy>

LEIA A MATÉRIA QUE ACOMPANHA ESSE
VÍDEO: <https://goo.gl/jErZ0a>



No vídeo, os estudantes comentam não apenas sobre os significados das gírias, mas também sobre como elas surgem e desaparecem, além de enfatizarem que a internet é o principal meio de criação e difusão da maioria delas

VEJA TAMBÉM UM BREVE RESUMO DAS GÍRIAS
MENCIONADAS E O SEU SIGNIFICADO:

VÉI Abreviação de velho.
A "palavra" pode ser substituída por "cara."

MANO Outra forma de chamar um colega.

NOVINHA Refere-se a outras meninas.

TÔ DIVANDO Estar em uma situação superior.

NÃO, PERA Dito em fim de frase, de forma irônica, para contradizer algo que acabou de ser dito. Exemplo: "Adoro fazer dieta. Não, pera..."

SÓ ÓLEO Quer dizer: "Só olho."

SQN Abreviação de "Só que não". Usado para negar a sentença anterior. Exemplo: "Odeio bolo de limão. SQN..."

SWAG

SUGOU

Quando a zoação já perdeu a graça.

SEM FILTRO

Uma foto sem intervenção, sem efeitos ou uma imagem feia.

Significa estilo. Quer dizer que a pessoa tem estilo próprio.

TIPO ASSIM Usado antes de dar o exemplo de algo.

TOMBOU

Significado semelhante ao de "lacrar". Vencer algum tipo de disputa.

GASTAR Zoar muito alguém.

14

MARCAS
LINGUÍSTICAS

Você já percebeu que, devido à utilização das marcas próprias de um grupo social, no caso as gírias, fazem com que a mensagem não seja plenamente compreendida por aqueles que não dominam essa variante. Segue abaixo mais um exemplo:



“ TIPO ASSIM...

Tô ficando velho!

Um dia desses, às 2 da manhã, peguei o carro e fui buscar minha filha adolescente na saída do show do Charlie Brown Jr. Ela e as amigas estavam eufóricas e eu ali, meio dormindo, meio de pijama, tentei entrar na conversa.

“E aí, o show foi legal?”. A resposta veio de uma mais exaltada do banco de trás: “Cara! Tipo assim, foda!”. E outra emendou: “Tipo foda mesmo!”

Fiquei, tipo assim, calado o resto do percurso, cumprindo minha função de motorista. Tô precisando conversar um pouco mais com minha

filha, senão daqui a pouco vamos precisar de tradução simultânea.

Para piorar ainda mais, inventaram o ICQ, essa praga da internet onde elas ficam horas e horas escrevendo abobrinhas umas pras outras, em código secreto. Tipo assim “kct! vc tmb nunk tah trunk, kra. Eh d+, sl. T+ Bjoks. Jubys”. Em português: “Cacete! Você também nunca está tranquila, cara. É demais, sei lá. Até mais, beijocas. Jubys”.

Jubys, que deve ser pronunciado “di-úbis”, é isso mesmo que você está imaginando, a assinatura. Só que o nome de batismo é Júlia, um nome

bonito, cujo significado é “cheia de juventude”, que eu e minha mulher escolhemos, sentados na varanda, olhando a lua...

Pois Jubys é hoje essa personagem de cabelo cor de abóbora, cheia de furos nas orelhas, que quer encher o corpo de piercings e tatuagens. Tô ficando velho!

Outro dia tentei explicar pro mesmo bando de adolescentes o que era uma máquina de escrever. Nunca viram uma. A melhor definição que consegui foi “é, tipo assim, um computador que vai imprimindo enquanto você digita”.

Acho que não entenderam nada. Eu sou do tempo do mimeógrafo. Para quem não sabe, é uma máquina que você coloca álcool e dá manivela para imprimir o que está na folha matriz. Por sua vez, essa matriz precisa ser datilografada (ver “datilografia” no dicionário) na tal máquina de escrever, sem a fita (o que faz com que você só descubra os erros depois do trabalho feito), com o papel carbono invertido...

Enfim, procure na internet que deve haver algum site de antiguidades que fale sobre mimeógrafo, papel carbono, essas coisas. Se eu ficar explicando cada vocábulo desconhecido, não vou conseguir acompanhar meu próprio raciocínio.

Voltando às garotas, a cultura cinematográfica delas varia entre a “obra” de Brad Pitt e a de Leonardo de Caprio. Há anos tento con-

vencê-las a ver “Cantando na Chuva”, mas sempre fica para depois.

Um dia, cheguei entusiasmado em casa com a fita de um filme francês que marcou minha infância: “A guerra dos botões”. Juntei toda a família para a exibição solene e a coisa não durou nem 5 minutos. O guri foi jogar bola, Jubys inventou “um trabalho de história sobre a civilização greco-romana que tem que entregar, tipo assim, até amanhã senão perde ponto” e até minha mulher, de quem eu esperava um mínimo de solidariedade, se lembrou que tinha um compromisso com hora marcada e se mandou.

Fiquei ali, assistindo sozinho e lembrando do tempo em que eu trocava gibi na porta do Capitólio. Eu sou do tempo em que vidro de carro fechava com maçaneta. E o Fusca tinha estribo e quebra vento. Não espalha, mas eu andei de Simca Chambord, de DKW, Gordini, Aero Willis e até de Romiseta.

Não dá pra explicar aqui o que era uma Romiseta, só vou dizer que era, tipo assim, um veículo automotivo, com 3 rodas, que a gente entrava pela parte da frente (onde hoje fica o motor) e a direção era grudada na porta.

Procure na internet, deve haver um site. Tá bom, tá bom, confesso mais: usei camisa Volta ao Mundo, casquinha de Banlon, assisti à Jovem Guarda, O Direito de Nascer... mas é mentira essa história de que meu primeiro disco

gravado foi em 78 rotações.

Há pouco tempo, João, meu filho de 8 anos, pegou um LP e ficou fascinado. Botei pra tocar e mostrei a agulha rodando dentro do sulco do vinil. Expliquei que aquele atrito era transformado em pulsos elétricos e transmitido através do toca-discos, dos fios, até chegar ao alto falante onde era gerado o som que estávamos escutando... mas aí ele já estava jogando o Pokemon Stadium no Game Boy. Não é que

ele seja desinteressado, eu é que fiquei patinando nos detalhes. Ele até que é bastante curioso e adora ouvir as "histórias do tempo em que eu era criança". Quando contei que a TV, naquela época, era toda em preto e branco ele "viajou" na ideia de que o mundo todo era em preto e branco e só de uns tempos para cá é que as coisas começaram a ganhar cores.

Acho que de certa forma ele tem razão. Tipo assim...

Kledir Ramil

**O TEXTO
ACIMA**  ...

Também menciona uma linguagem característica de um grupo social, no caso, o internetês, e é importante que você saiba que não está errado escrever utilizando os códigos da Internet, no entanto, deve saber que, quando necessário (na hora de escrever uma redação em um processo de seleção) você deverá redigir seu texto de acordo com a norma padrão.



NEAD
IESP